

O CANGACEIRO E O SAMURAI

Argumento cinematográfico
de Geraldo Santos Pereira

S I N O P S E

1. Após receber, como pagamento de dívida, uma fazenda de ga-
do no interior da Bahia, o fazendeiro japonês Massao Takeda deixou São
Paulo, onde residia com a mulher, e foi radicar-se naquela região domi-
nada pelas caatingas e, na década de 30, flagelada por violentas incur-
sões dos bandos armados de cangaceiros.

Morrendo-lhe a esposa, Kimie, Massao Takeda, vendo-se só nu-
ma região áspera e bela, chama do Japão o sobrinho Kyoshiro Takeda, a
quem desejava fazer herdeiro dos bens.

Kyoshiro, recém-casado com a jovem e bela Sayuri, embarca,
em companhia da esposa e da mãe, viúva, chegando por volta de 1935 ao
porto de Salvador, trazendo, entre outros pertences, uma arca antiga a
que dedica cuidados especiais.

Recebido pelo tio, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari rumam de-
pois para a vasta propriedade rural, no sertão baiano, conhecida por
"Fazenda do Japonês".

2. A chegada dos parentes japoneses e, especialmente, da bela e
fascinante Sayuri, traz alegria ao velho Massao, despertando-lhe, pela
semelhança que a moça tem com sua falecida esposa, reminiscências que,
com o correr do tempo, se transformam em inquietante admiração.

Conjuntamente com Massao, também Antônio Garcia, capataz
da propriedade, homem rude, calado e másculo, é fortemente atraído pela
beleza exótica e delicada da linda japonesinha.

A fazenda, agora sob o impulso da juventude, a dedicação e
a competência de Kyoshiro Takeda, prospera e permite, sem grandes difi-
culdades, rápida ambientação dos nipônicos na vida rural nordestina,
gerando o confronto e a mistura de duas ricas e antagônicas culturas e
civilizações populares.

Enquanto, por exemplo, a família japonesa comemora, no in-
terior da casa-grande, o "Tanabata-Matsuri", os baianos, para retribu-
ir a gentileza dos patrões, que lhes haviam distribuído doces e

gulseimas, de praxe na festa, realizam, no galpão da fazenda, uma ruidosa e impressionante demonstração de Candomblé, no qual, vestido de Ogün, se destaca Antônio Garcia.

As duas festas, alternando ritmos, melodias, cantos e danças na quente noite sertaneja, exaltam o misticismo de duas raças e, na narrativa do filme, agravam o antagonismo que, desde algum tempo, se aprofunda em Kyoshiro e Garcia, causado pela íntima e calada admiração que o baiano dedica a Sayuri.

3. Certa noite, na ausência de Kyoshiro, em viagem de negócios, o velho Massao e Sayuri, envolvidos pelo fascínio da noite do sertão, vão à varanda e recordam a pátria distante. Massao, transportado para o passado e vendo, pouco a pouco, a linda Sayuri transmutar-se em Kimie, quando era jovem, caminha em sua direção, dominado pelo desejo e a fascinação. Mas, em tempo, desperta da reminiscência perigosa e, alquebrado pelo remorso, o desalento e a humilhação, fecha-se depois em seu quarto e se mata.

Assumindo, com a morte do tio, a propriedade da fazenda, o primeiro gesto de Kyoshiro é despedir o antigo capataz que, montado em seu cavalo, se afasta, certa manhã, da terra onde viveu muitos anos.

Mais além, à beira do caminho de terra, Antônio Garcia depara com um cangaceiro ferido, que pede socorro. Vai ajudá-lo. Antes de morrer, o bandoleiro lhe pede para avisar a família, em Manga Rosa, dando ciência de sua morte ao chefe do bando, Aparício Meireles, famoso em todo o Nordeste, vagando pelos lados da Chapada da Ema.

Antônio Garcia, ao chegar, mais tarde, a Manga Rosa, cumprindo o prometido e levando, inocentemente, o fuzil, a cartucheira e alguns pertences do cangaceiro morto, é violentamente agarrado por soldados do destacamento local e, aos berros e safanões, confundido como homem do cangaço e jogado brutalmente na cela da prisão.

Espancado e humilhado, guardando um ódio surdo e impotente, o baiano, dias depois, consegue escapar e sai à procura do bando de cangaceiros, ao qual se junta, definitivamente, iniciando nova fase de sua vida.

Enquanto isto, na Fazenda do Japonês, a terra se cobre de novos cultivos, o gado e as criações se ampliam, com a propriedade prosperando sob a direção firme de Kyoshiro Takeda.

4. Certo dia, na ausência de Kyoshiro, em viagem à capital, onde fora adquirir novos equipamentos, a fazenda fica sob os cuidados do novo capataz, Pedro Roque.

É quando, inopinadamente, chega, trazendo pânico, o bando de cangaceiros, agora sob a chefia de Antônio Garcia, que assu-

mira o comando com a morte, em batalha com a polícia, de Aparício Meireles.

Liquidando, em pouco tempo, a resistência de alguns empregados, Garcia invade a casa-grande e vai ao encontro de Sayuri. Quando um de seus homens, ao ver a mãe de Kyoshiro empunhando perigosamente um punhal, abate-a com certo tiro, Sayuri desfalece. Garcia a ampara e, depois, apanha, no armário, um belo e vistoso traje que a moça trouxera do Japão e que grande admiração lhe provoca. Carrega-a nos braços e ganha o terreiro da fazenda, pedindo a Pedro Roque, antes de partir, para dizer ao japonês que voltara para buscar a moça.

Depois esporeia o cavalo e se afasta, levando, no selim, a japonesinha aterrorizada.

5. Regressando de viagem, Kyoshiro depara com o quadro trágico: morta a mãe e raptada a esposa. Fechado em seu ódio e mutismo, o japonês manda preparar um animal e vai buscar, no interior da casa, a velha canastra que trouxera do Japão.

Depois parte, só, sem arma de fogo, iniciando uma longa, dramática e movimentada perseguição que atravessa o sertão da Bahia e o território de vários Estados do Nordeste.

Enquanto isto, prisioneira indefesa do bando, Sayuri é uma figura insólita, frágil e delicada que Antônio Garcia respeita, mas a quem, vez e outra, obriga a vestir o exótico quimono japonês, limitando-se a contemplá-la, fascinado.

Kyoshiro, pertinaz, inflexível, segue em seu encalço, furando o sertão e despertando a curiosidade dos nordestinos que, aos poucos, lhe vão indicando a pista dos bandidos.

Ferido numa refrega com os soldados do Governo, Antônio Garcia desfalece e, quando volta a si, se vê só, num canto do mato. Mas pouco depois ouve os passos de Sayuri que, em lugar de escapar, como seria fácil, ficara a seu lado para tratar o ferimento.

Mais tarde, convalescendo num lugarejo distante, que o bando, reagrupado, toma de assalto, a japonesinha, trazendo comida, é atraída pelo ex-capataz que a toma nos braços, abrasado de amor.

Fora, no fim do arruado miserável, a silhueta de Kyoshiro Takeda se destaca na noite clara. O japonês, seguindo as pegadas dos cangaceiros, encontrara finalmente seus terríveis inimigos e espera, pacientemente, para atacar no instante propício.

6. Esse instante, efetivamente, ocorre mais tarde, quando o bando faz pouso, com mulheres de um vilarejo, num recanto protegido da caatinga.

Kyoshiro chega também ao esconderijo e, oculto pelas

árvores, prepara-se para o ataque. Antes, contudo, retira a canastra da anca do cavalo, deposita-a no chão e abre-a à luz do luar. Em seu interior, além de um velho traje japonês, refulge, sinistra, uma espada samurai.

Kyoshiro tira do corpo o traje nordestino, veste o quimono típico dos guerreiros samurais. Depois prende os cabelos à maneira nipônica, faz preces.

Em seguida, calmo, impressionante, encarnando a figura mitológica, vai espiar o bando que, num grotão, se diverte com as mulheres, joga a capoeira, dança e bebe cachaça.

Eis quando, inesperadamente, brandindo a espada, num salto prodigioso do alto da colina, o vulto fantástico de Kyoshiro Takeda se arroja no centro do valhacouto, soltando terrível brado de guerra.

Tocando o solo, o japonês, que é agora um samurai, avança como raio mortífero sobre os cangaceiros estupefatos, e que não têm tempo para se defender, intoxicados de cachaça, a cara bestificada pelo espanto.

O japonês arremete-se contra eles, fere seu corpo, sua carne, lançando-os no chão, entre poças de sangue.

É quando, chegando ao local em companhia de Sayuri, Antônio Garcia avista a figura espantosa do japonês e, empunhando comprido facão, vai ao seu encontro para o duelo de morte.

Os dois caminham um contra o outro, fitam-se nos olhos, medem forças, espada contra punhal, samurai contra cangaceiro, homem contra homem, decidindo um destino de ódio e vingança.

De repente, as mãos sustendo a espada, Kyoshiro arremete para a frente, pronto para golpear. Mas Garcia, num átimo, desvia o corpo e também ergue o facão.

O terrível duelo estala, sinistro, ecoando no acampamento juncado de cadáveres, tendo somente Sayuri como frágil espectadora.

O ferro e o aço se chocam, enquanto, na trilha sonora, confundem-se e se aceleram sons e ritmos do Brasil e do Japão.

Kyoshiro, com a destreza dos samurais, é mais rápido e, de repente, golpeia mortalmente o ex-capataz. Garcia, com um berro, ferido no peito, vacila, deixa cair o punhal, o sangue jorrando do talho profundo. E cai de joelhos, gemendo.

O samurai vai dar o golpe de misericórdia. Mas não o faz, retendo o gesto.

É que Kyoshiro avistara Sayuri que se aproxima, quase correndo, para amparar no colo a cabeça do cangaceiro agonizante.

O japonês, atônito, paralizado, compreende tudo, baixa lentamente a espada.

Garcia, antes de expirar, contempla, amorosamente, o rosto da japonesa, no qual o sofrimento agora é um traço inusitado. Depois deixa tombar a cabeça, morrendo.

Perto dos dois, imobilizado pelo espanto, Kyoshiro crava na moça um olhar mesclado de ódio e piedade, desprezo e desalento.

Depois, esvaindo-se também em sangue, ferido pelo punhal do cangaceiro, o japonês cambaleia, mas logo se recompõe. Afasta-se alguns metros, acocora-se, à moda oriental, coloca a ponta da espada no ventre, pronto para matar-se.

O japonês, uma vez mais, fita Sayuri, com olhar estranho e profundo. Depois, juntando forças, enfia o aço no ventre e tomba para a frente, morrendo.

Perto dele, afagando a cabeça do cangaceiro, Sayuri é a exótica e solitária imagem da inutilidade.

Depois a câmera, instalada em helicóptero, começa a subir, lentamente, deixando aquele lugar de sangue e tragédia, onde só uma mulher sobrevive, manchando com sua colorida indumentária a paisagem amanhecendo da caatinga.

F I M

Rio, 30 de outubro de 1975.

Geraldo Santos Pereira.

(Direitos autorais registrados
na Biblioteca Nacional).

Geraldo Santos Pereira
Rua Aires Saldanha, 71, ap.802
Tel. 255-5002 - Rio de Janeiro.